

BOMENY, Helena. **Um poeta na política**: Mário de Andrade, paixão e compromisso. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, 168p. (Modernismo +90)

Celso CARVALHO JR.*

Durante o ano de 2012, diversas iniciativas foram empreendidas com o intuito de comemorar e debater os 90 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, entre as quais está o lançamento da coleção *Modernismo +90*¹. Organizada pelo filósofo Eduardo Jardim, a coletânea pretende refletir criticamente sobre o legado modernista, o que a diferencia das celebrações que apenas pretendiam enaltecer o movimento. Estas obras abordam diversos assuntos, temas pouco estudados e analisam e divulgam documentos históricos inéditos e, dessa maneira, procuram reavaliar a abrangência e o significado do modernismo brasileiro.

Foi com essa perspectiva que Helena Bomeny escreveu seu livro. A socióloga e professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) tem experiência em pesquisas que tratam do modernismo e da relação entre política e intelectuais. Como atestam sua tese de doutorado sobre o modernismo mineiro e os trabalhos de pesquisa desenvolvidos por ela no Centro de Pesquisa e Documentação de História do Brasil Contemporâneo da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

Partindo do pressuposto de que a relação entre intelectuais e política é tensa e conflituosa, a autora se propõe a investigar como se deu a incursão de Mário de Andrade na política. Para isso, analisou a correspondência trocada entre o poeta e o ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema, durante os anos de 1935 a 1944. Assim, entre as questões que a pesquisa pretende responder estão: Que traços de sensibilidade pessoal interferiram, e de que forma, no modo como o escritor ingressou e atuou no campo político? Como Mário se relacionou com os acontecimentos históricos da época? Qual posição assumiu nos debates políticos do seu tempo? De quais experimentos culturais participou e quais foram as consequências dos investimentos feitos em tais projetos? O que permaneceu como referência da atuação política de Mário de Andrade? Além disso, a socióloga retoma a trajetória do escritor modernista para tecer reflexões sobre a geração de intelectuais que vivenciou as décadas de 1920, 1930 e 1940.

Essa geração de intelectuais tinha a consciência de que era preciso diagnosticar os problemas brasileiros e apresentar soluções para superá-los. Assim, cientistas, engenheiros, médicos, sanitaristas, educadores e também literatos e artistas constataram mazelas como

* Mestre em História – Doutorando – Programa de Pós-graduação em História – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp – Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Assis – Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil. E-mail: celsocj@yahoo.com.br

o atraso econômico, o analfabetismo, os limites da nossa democracia, as desigualdades sociais e regionais, além, é claro, das péssimas condições de moradia da maioria da população, ausência de saneamento básico nas cidades e precariedade da saúde pública. No entanto, não havia um consenso sobre a melhor estratégia para superar esses problemas, afinal, existiam muitos projetos de modernização do Brasil em disputa. Apesar disso, os intelectuais tinham duas convicções: a de que poderiam e deveriam participar dos debates sobre a modernização do país e a de que o Estado seria o caminho de viabilização de tal projeto.

O ímpeto modernizador da Revolução de 1930 ampliou o campo de atuação dos intelectuais, uma vez que muitos foram contratados para trabalhar em órgãos do Estado para formular e implementar políticas públicas em áreas estratégicas, como desenvolvimento econômico, saúde, educação, propaganda e comunicação. O Ministério da Educação e Saúde Pública, criado por Vargas em 1930 e comandado por Gustavo Capanema entre os anos de 1934 e 1945, foi um desses organismos estatais. Por esse motivo, muitos grupos de intelectuais, com projetos variados e conflitantes, disputaram espaço no Ministério com o intuito de viabilizar suas propostas para o país. Um exemplo disso foi a disputa em torno das reformas educacionais que provocou um conflito entre intelectuais católicos e líderes do movimento Escola Nova. De qualquer forma, as ações empreendidas por Capanema foram importantes para a modernização do Brasil e ainda hoje são referências nos debates sobre políticas públicas nas áreas de educação, cultura e saúde.

Segundo a autora, Mário de Andrade e os demais escritores modernistas participaram dos debates sobre o futuro do Brasil e muitos deles ocuparam cargos no Ministério da Educação. Essa proximidade com o Poder não se deu sem contradições, uma vez que era necessário lidar com a crítica de que estavam apoiando a ditadura varguista. Por outro lado, os modernistas construíram, nas décadas que se seguiram a 1922, uma memória que consagrou a Semana de Arte Moderna como um evento de ruptura na cultura nacional e, para concretizarem tal feito, também tiveram que atuar no campo político. Enfim, para pôr em prática projetos estéticos, culturais e políticos, muitos poetas, literatos, artistas plásticos e outros se transformaram em agentes do Estado. Mário é um bom exemplo dessa metamorfose, o que justifica a escolha de sua troca epistolar com Gustavo Capanema como fonte e objeto de estudo.

Mário de Andrade escreveu um grande volume de cartas ao longo de sua vida, endereçadas a diferentes destinatários e tratando de temas variados. Muitas dessas missivas já foram analisadas por alguns pesquisadores e reunidas em livros. Helena Bomeny argumenta que as cartas – carregadas de emoção e afetividade – revelam os sentimentos do escritor paulista e traços da sua personalidade. No caso específico que

estudou, a correspondência revela que Mário tinha afinidades com Capanema e confiava nele. Era uma relação de respeito mútuo e amizade que propiciava as condições para a colaboração do poeta modernista em projetos importantes do Ministério da Educação.

Ao tratar do ingresso de Mário no campo político, a pesquisadora afirma que ele se inseriu naquela área por meio de relações pessoais que tinha com a elite política e intelectual de São Paulo. As cartas do poeta revelam sua frustração com a derrota dos paulistas durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Apesar do revés, os políticos paulistas, liderados por Armando de Sales Oliveira, se reorganizaram para disputar a próxima eleição presidencial. Assim, entre 1933 e 1937, esses liberais formularam um projeto nacional que conferia destaque à educação e cultura como formas de solucionar os problemas brasileiros. Com essa perspectiva, criaram a Escola Livre de Sociologia e Política, Universidade de São Paulo e o Departamento Municipal de Cultura de São Paulo.

Este último foi criado em 1935, pelo prefeito Fábio Prado, que convidou Mário de Andrade para assumir a chefia do novo órgão. Para Helena Bomeny, o modernista sentiu certa insegurança diante da grande responsabilidade. No entanto, aceitou o desafio por acreditar que seus experimentos e realizações na capital paulista poderiam orientar ações culturais em todo o país. Os objetivos da instituição eram ambiciosos, já que pretendiam democratizar a cultura, realizar pesquisas científicas, preservar o patrimônio histórico e desenvolver atividades educativas e de recreação. Entre as realizações de destaque do Departamento estão a criação da Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF), da Discoteca Municipal e de parques infantis. Na mesma época, segundo a autora, Mário auxiliou Capanema na elaboração do projeto do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). O órgão foi criado em 1937 com o objetivo de preservar o patrimônio histórico e cultural do país.

Além desses aspectos, a análise das missivas realizada pela socióloga demonstra que Mário reclamava do trabalho exaustivo na direção do Departamento de Cultura. Nos desabafos aos amigos, queixava-se da burocracia e da falta de tempo para dedicar-se à música e poesia. Nas cartas, ele se mostra aborrecido com práticas clientelistas, ainda presentes na rotina da administração pública, e contrariado com algumas nomeações para cargos no Departamento, as quais teve de fazer para atender interesses políticos de outros.

Durante o período que esteve à frente do Departamento de Cultura, Mário de Andrade se envolveu em polêmicas e divergências políticas, as quais, juntamente com outros fatores, motivaram sua saída do órgão em 1938. No mesmo ano, ele se mudou para o Rio de Janeiro, onde desenvolveu atividades no Instituto do Livro (INL) e SPHAN. A correspondência que trata desse assunto indica que Mário deixou o Departamento magoado, sentindo-se traído e perseguido. Além disso, as epístolas revelam que ele precisou lidar com dificuldades financeiras e incertezas profissionais na capital da república.

O custo pessoal dos investimentos feitos no campo político e cultural é detalhado em algumas missivas escritas pelo modernista e endereçadas ao Ministro da Educação. Nelas, o paulista relata as dificuldades enfrentadas no Rio de Janeiro, como a falta de dinheiro, as dívidas, problemas de saúde, esgotamento nervoso e humilhações, e solicita a ajuda do amigo Gustavo Capanema para lidar com esses problemas. Tanto que, em janeiro de 1941, Mário de Andrade deixou o Rio de Janeiro e voltou a morar em São Paulo e Capanema o designou para um cargo no SPHAN. Mesmo na capital paulista, o poeta continuou comunicando-se com o ministro e, deste modo, ambos mantiveram laços de cooperação e solidariedade. Assim, a autora concluiu o livro mostrando que a atuação de Mário de Andrade em órgãos públicos constitui referência obrigatória nos debates sobre políticas públicas de cultura e patrimônio histórico.

Por outro lado, ao encerrar a leitura, percebe-se que *Um poeta na política* é um trabalho importante para discutir a trajetória de Mário de Andrade, o modernismo e sua relação com a política, pois a autora sustentou com argumentos convincentes a ideia de que o escritor integrou uma geração preocupada com os destinos do país e atuou na política com o compromisso de entender e transformar o Brasil. Além disso, foi com paixão que ele elaborou propostas, agiu, aglutinou pessoas e realizou críticas. Tal engajamento teve um alto custo pessoal, lhe rendeu problemas; no entanto, seu legado permaneceu até os dias atuais. O livro ainda tem um projeto gráfico atraente, ilustrações e um anexo com a transcrição das cartas trocadas entre Mário e Capanema. Por fim, cabe ressaltar que o texto é acessível ao leitor não especializado.

Recebido em 17/7/2013

Aprovado em 24/9/2013

¹ Para mais informações sobre a coleção *Modernismo +90*. Ver: CASA DA PALAVRA. *Modernismo +90*. Disponível em <<http://www.casadapalavra.com.br/linhas/52/colecao-modernismo-90>>. Acesso em: 18 jun. 2013.